



Apresentação do Dossiê

ENSINO DE GEOGRAFIA E CONHECIMENTO PODEROSO: reflexões a partir do XVI ENPEG

Sonia Maria Vanzella Castellar
smvc@usp.br

Professora Titular da Faculdade de Educação
da Universidade de São Paulo (FEUSP).

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6071-748X>

Carolina Machado Rocha Busch Pereira
carolinamachado@uft.edu.br

Professora Associada do Curso de Geografia
da Universidade Federal do Tocantins (UFT).

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6296-0096>

RESUMO

O presente dossiê apresenta uma seleção de trabalhos decorrentes do XVI Encontro Nacional de Prática de Ensino de Geografia (ENPEG), realizado em 2024 na Universidade de São Paulo, que reuniu pesquisadores, professores e estudantes de todo o Brasil e do exterior. As produções reunidas evidenciam a vitalidade e diversidade das pesquisas em Educação Geográfica, abordando temas como currículo, formação docente, juventudes, alfabetização científica, tecnologias, cartografia, povos indígenas e educação para riscos. O eixo articulador das discussões foi a noção de "conhecimento poderoso" (Michael Young), adaptada ao ensino de Geografia e enriquecida por perspectivas brasileiras, que enfatiza a importância de um saber disciplinar rigoroso, socialmente relevante e emancipador. Dialogando com referenciais como o Pedagogical Content Knowledge (PCK) de Shulman, os textos demonstram como a Geografia escolar pode integrar teoria e prática, conteúdos acadêmicos e experiências cotidianas, favorecendo a leitura crítica do mundo e a formação cidadã. Ao articular reflexões teóricas e relatos de práticas pedagógicas, o dossiê reafirma o compromisso do ensino de Geografia com a justiça social, a democracia e a sustentabilidade.

PALAVRAS-CHAVE

Formação docente; Conhecimento poderoso; Educação geográfica.

GEOGRAPHY EDUCATION AND POWERFUL KNOWLEDGE: reflections from the 16th ENPEG

ABSTRACT

This dossier presents a selection of works resulting from the XVI National Meeting of Geography Teaching Practice (ENPEG), held in 2024 at the University of São Paulo, which brought together researchers, teachers and students from all over Brazil and abroad. The collected productions highlight the vitality and diversity of research in Geographic Education, addressing topics such as curriculum, teacher training, youth, scientific literacy, technologies, cartography, indigenous peoples and risk education. The articulating axis of the discussions was the notion of "powerful knowledge" (Michael Young), adapted to the teaching of Geography and enriched by Brazilian perspectives, which emphasizes the importance of rigorous, socially relevant and emancipatory disciplinary knowledge. Dialoguing with references such as Shulman's Pedagogical Content Knowledge (PCK), the texts demonstrate how school Geography can integrate theory and practice, academic content and everyday experiences, favoring a critical reading of the world and citizenship formation. By articulating theoretical reflections and reports of pedagogical practices, the dossier reaffirms the commitment of Geography teaching to social justice, democracy and sustainability.

KEYWORDS

Teacher training; Powerful knowledge; Geographic education.

ENSEÑANZA DE LA GEOGRAFÍA Y CONOCIMIENTO PODEROSO: reflexiones a partir del XVI ENPEG

RESUMEN

Este dossier presenta una selección de trabajos resultantes del XVI Encuentro Nacional de Práctica Docente de Geografía (ENPEG), realizado en 2024 en la Universidad de São Paulo, que reunió a investigadores, docentes y estudiantes de todo Brasil y del exterior. Las producciones recopiladas resaltan la vitalidad y diversidad de la investigación en Educación Geográfica, abordando temas como currículo, formación docente, juventud, alfabetización científica, tecnologías, cartografía, pueblos indígenas y educación en riesgo. El eje articulador de las discusiones fue la noción de "saber poderoso" (Michael Young), adaptado a la enseñanza de la Geografía y enriquecido por las perspectivas brasileñas, que enfatiza la importancia de conocimientos disciplinares rigurosos, socialmente relevantes y emancipadores. Dialogando con referentes como el Conocimiento Pedagógico del Contenido (PCK) de Shulman, los textos demuestran cómo la Geografía escolar puede integrar teoría y práctica, contenidos académicos y experiencias cotidianas, favoreciendo una lectura crítica del mundo y la formación de ciudadanía. Al articular reflexiones teóricas e informes de prácticas pedagógicas, el dossier reafirma el compromiso de la enseñanza de la Geografía con la justicia social, la democracia y la sostenibilidad.

PALABRAS CLAVE

Formación docente; Saberes poderosos; Educación geográfica.

1. Apresentação

O ensino de Geografia no Brasil tem passado por profundas transformações nas últimas décadas, acompanhando as mudanças sociais, culturais, tecnológicas e políticas que redefinem a escola e o papel dos professores. A área de Ensino de Geografia, consolidada como campo de pesquisa e reflexão acadêmica, tem se mostrado central para compreender e enfrentar desafios contemporâneos, como a necessidade de formar sujeitos críticos, capazes de interpretar e intervir no espaço geográfico. Nesse contexto, o XVI Encontro Nacional de Prática de Ensino de Geografia (ENPEG) representou mais uma oportunidade de encontro, troca e fortalecimento das redes de pesquisa, docência e extensão voltadas para a área.

O presente dossiê reúne artigos selecionados a partir de trabalhos apresentados no evento, oferecendo uma visão ampla das investigações e experiências mais recentes, bem como das discussões teóricas e metodológicas que têm orientado o campo. As produções aqui reunidas reafirmam o compromisso do Ensino de Geografia com a construção de uma educação significativa, comprometida com a justiça social, o pensamento crítico e a leitura do mundo a partir da perspectiva geográfica.

2. O XVI ENPEG

A edição do XVI ENPEG, realizada em setembro de 2024, na Universidade de São Paulo, reuniu pesquisadores, professores da educação básica, licenciandos e pós-graduandos de diferentes regiões do país, promovendo um espaço plural e democrático de debates.

O XVI ENPEG contou com uma programação extensa e diversificada. Ao todo, foram apresentados 372 trabalhos envolvendo pesquisas e práticas escolares, distribuídos em 17 Grupos de Trabalho (GTs), que receberam 383 submissões. O evento também promoveu 16 lançamentos de livros, 19 oficinas e minicursos, além de 10 mesas-redondas que reuniram 38 palestrantes. Na coordenação dos GTs, participaram 61 professores, garantindo a qualidade e a articulação das discussões. Os palestrantes convidados, escolhidos pelo reconhecimento e relevância de suas pesquisas nas diferentes áreas e temáticas da educação geográfica, vieram de países como Argentina, Brasil, Colômbia, Chile, Estados Unidos e Itália. Essa diversidade reforça a vocação do ENPEG para articular práticas escolares e pesquisas acadêmicas, reconhecendo a

pluralidade de contextos em que o ensino de Geografia acontece. A programação contemplou eixos variados — ensino e aprendizagem, currículo, formação docente, tecnologias digitais, educação ambiental, entre outros — por meio de mesas-redondas, conferências, grupos de trabalho, minicursos e apresentações de pôsteres.

A partir desse espaço de reflexão coletiva, emergem questões essenciais: como formar professores capazes de responder às demandas de um mundo cada vez mais globalizado e digitalizado? Como assegurar que os estudantes tenham acesso a um conhecimento geográfico que seja, simultaneamente, rigoroso e significativo para suas vidas? E, sobretudo, como transformar a sala de aula em um ambiente de produção de saberes e de construção da cidadania?

Essas inquietações dialogaram diretamente com a temática do evento que foi **“Por uma Educação Geográfica Poderosa”**, fundamentada na necessidade de ampliar os debates sobre a trajetória que o campo da Educação Geográfica vem consolidando nas últimas décadas no Brasil. Isso envolve reconhecer a diversidade temática das pesquisas, valorizar as múltiplas práticas docentes na Educação Básica, explorar as possibilidades das tecnologias e linguagens no ensino de Geografia e refletir sobre os rumos da formação de professores. Tais discussões ganham relevância ainda maior diante das conjunturas políticas — passadas e atuais — que moldam agendas, definem ações e orientam políticas curriculares no contexto da educação brasileira, influenciando diretamente os resultados obtidos nas salas de aula (Castellar; Pereira, 2024).

3. O ensino de Geografia como conhecimento poderoso

A noção de “conhecimento poderoso” aplicada ao ensino de Geografia inspira-se nas obras de Michael Young (2009, 2011), que argumenta que a escola deve proporcionar aos alunos um saber capaz de oferecer “explicações mais confiáveis e novas formas de pensar sobre o mundo” — ou seja, um conhecimento que transcenda a experiência cotidiana e amplie suas possibilidades de atuação social (Gonzales, 2024). Estudos como os do projeto *GeoCapabilities* reforçam essa perspectiva ao afirmar que o conhecimento disciplinar poderoso (*Powerful Disciplinary Knowledge*, PDK) pode ser instrumento de justiça social, ao permitir que estudantes superem limitações de contextos restritos por meio do pensamento geográfico sistêmico (Biddulph et al., 2020). Na educação geográfica, a proposta de “*powerful geographical knowledge*” tem sido explorada como um meio de empoderamento dos estudantes, habilitando-os a

compreender as interações entre local e global, e a pensar criticamente sobre questões socioespaciais complexas (Biddulph et al., 2020).

No contexto brasileiro, essa perspectiva tem sido enriquecida por autores como Stefenon (2023), que articula o conceito de conhecimento poderoso com a multiescalaridade e a cultura escolar, defendendo sua potência para promover a autonomia e emancipação dos alunos. Castellar e Pereira (2024) também contribuem significativamente ao defender uma “Geografia poderosa” como elemento estruturante do currículo nacional, capaz de fortalecer o raciocínio geográfico e integrar saberes acadêmicos à experiência vivida.

Outra contribuição importante para esse debate se encontra na pesquisa de Souza e Ascensão (2023), que revisa o ensino de Geografia nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental a partir das competências docentes e das diretrizes da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) ao enfatizar a complexidade do espaço geográfico e a importância de selecionar conteúdos significativos. Esse trabalho dialoga com a ideia de conhecimento poderoso ao propor uma Geografia fundamentada no rigor conceitual e na relevância prática para a vida escolar. Essa perspectiva se aproxima do conceito tradicional de *Pedagogical Content Knowledge* (PCK) formulado por Lee Shulman, que destaca a necessidade de transformar o conhecimento de conteúdo em formas pedagógicas compreensíveis e adaptadas às características dos estudantes (Souza; Ascensão, 2023).

O trabalho de Straforini (2018) pode ser visto como uma aplicação dessa premissa: ele reforça a importância de selecionar, estruturar e ensinar conteúdos geográficos com base tanto na lógica disciplinar quanto na significação para os estudantes, especialmente nos anos iniciais. Além disso, Straforini (2018) amplia esse debate ao enfatizar uma prática espacial de significação, que rompe com a fragmentação escalar no ensino inicial e propõe uma visão totalizante do espaço — característica essencial do conhecimento poderoso, que articula as partes dentro de uma totalidade compreensível.

Nesse sentido, o ensino de Geografia deve ir além da memorização de nomes, capitais e localizações. Ele deve proporcionar o desenvolvimento de habilidades de pensamento espacial, de análise de diferentes escalas, de compreensão das relações entre sociedade e natureza, e de reconhecimento das desigualdades e contradições que estruturam o espaço. Ao fazer isso, o conhecimento geográfico se converte em ferramenta para a leitura crítica do mundo e para a atuação cidadã.

No Brasil, essa perspectiva se torna ainda mais relevante diante da diversidade cultural e socioespacial, das desigualdades históricas e das mudanças ambientais aceleradas. As pesquisas reunidas neste dossiê evidenciam o esforço da comunidade acadêmica e escolar para atualizar as práticas pedagógicas, produzir materiais didáticos mais inclusivos, integrar novas tecnologias e construir propostas que dialoguem com a realidade dos estudantes.

O Dossiê ENPEG

O artigo de Helena Callai aborda a formação docente na Geografia a partir da articulação entre teoria e prática, enfatizando a construção de um conhecimento próprio do professor. Baseado em entrevistas com docentes de três instituições universitárias e outros professores sobre suas experiências de formação inicial e continuada, o estudo analisa como essas trajetórias fundamentam o exercício profissional. Sustentado por referenciais teóricos da educação geográfica e políticas públicas, o texto contribui para compreender a importância de processos formativos contínuos, capazes de integrar saber acadêmico e experiência prática na constituição da identidade docente.

Compreender as juventudes é o texto da Lana de Souza Cavalcanti que discute a relevância de compreender as juventudes para aprimorar o ensino de Geografia, propondo uma abordagem crítica voltada ao desenvolvimento do pensamento geográfico. O texto parte de conceitos teóricos consolidados sobre juventudes, passa pela concepção crítica de ensino e propõe orientações metodológicas adaptadas aos interesses e expectativas dos jovens, com base em pesquisas empíricas. A autora relaciona aprendizagem geográfica e vida cotidiana, reforçando que a aproximação entre conteúdos e experiências reais é fundamental para o engajamento e o sucesso escolar. Em Educação geográfica para as juventudes: sentidos e significados, Priscylla Menezes reflete sobre a educação geográfica para juventudes, com ênfase nos jovens do campo, a partir de discussão apresentada em mesa-redonda no XVI ENPEG. Fundamentada em debates das Ciências Humanas, a autora mostra como a juventude, enquanto categoria social múltipla, demanda abordagens pedagógicas contextualizadas. A análise propõe que a educação geográfica considere a vivência, o território e as especificidades socioculturais desses jovens, visando à construção de um conhecimento que valorize suas identidades e promova uma compreensão crítica do espaço vivido.

Educação geográfica com jovens: o que as juventudes contemporâneas têm a dizer ao ensino de Geografia? É uma pergunta que Victor Hugo Nedel dedica-se a investigar sobre as juventudes contemporâneas no contexto do ensino de Geografia, articulando teoria e pesquisa empírica. O estudo aborda conceitos como territorialização das práticas juvenis e geografia das juventudes, analisando dados de pesquisas e experiências de extensão e eventos acadêmicos. A partir dessa base, o autor discute como os conhecimentos produzidos podem enriquecer as práticas docentes, destacando desafios e lacunas da pesquisa. O trabalho contribui ao propor pontes efetivas entre investigação acadêmica e aplicação pedagógica.

Sasseron e Orofino discutem a alfabetização científica no ensino de Ciências da Natureza, considerando os diferentes domínios do conhecimento científico e sua mobilização ao longo da educação básica. O artigo se fundamenta em revisões teóricas e propõe elementos para o planejamento de aulas que favoreçam o desenvolvimento dessas competências. A contribuição central está na articulação entre teoria educacional e estratégias didáticas, oferecendo parâmetros claros para pesquisas e práticas que visem à consolidação da alfabetização científica de forma progressiva e contextualizada.

As contribuições de John Dewey e William Kilpatrick para o desenvolvimento da alfabetização científica e do raciocínio geográfico na Geografia escolar estão presentes no artigo de Thais Maria Sperandio, Jerusa Vilhena de Moraes que revisa as obras de John Dewey e William Kilpatrick, relacionando suas propostas pedagógicas ao ensino de Geografia por meio de metodologias ativas. Utilizando revisão narrativa de literatura, as autoras destacam abordagens como Aprendizagem Baseada na Resolução de Problemas (ABRP) e Geo-Inquiry, evidenciando seu potencial para estimular alfabetização científica e raciocínio geográfico. A análise reforça a importância de práticas investigativas para desenvolver pensamento crítico e autonomia nos estudantes.

O capital geográfico para a alfabetização científica de Lorena Rocca, Lúcio Antônio Leite Alvarenga Botelho e Silvia Stocco propõe uma integração entre capital geográfico e alfabetização científica, adaptando o modelo PSCTA para o ensino de Geografia. De base teórica, a pesquisa explora como o capital geográfico pode promover consciência crítica e operacional sobre espaços vividos, articulando aspectos culturais, ambientais e sociais. As autoras defendem a valorização das diferenças culturais e a pesquisa interdisciplinar para criar metodologias inovadoras, sugerindo a aplicação futura dessas ideias em projetos internacionais de educação inclusiva e participativa.

Denis Richter investiga o papel dos mapas como linguagem e instrumento formador do pensamento geográfico. A partir de análise teórica e reflexões sobre o

ensino, o autor discute como representações cartográficas podem contribuir para o desenvolvimento de habilidades espaciais e de leitura crítica do mundo. O texto destaca a necessidade de práticas que incentivem o uso significativo dos mapas, superando abordagens meramente técnicas e promovendo uma compreensão mais complexa das relações espaciais.

Povos indígenas do Brasil e concepções enraizadas em livros didáticos de Geografia e História dos Anos Iniciais de Gallo e Lastória, analisa representações estereotipadas dos povos indígenas em livros didáticos, identificando a persistência de visões essencialistas e etnocêntricas. Com base em análise documental, as autoras mostram como essas narrativas reforçam ideias de inferiorização e homogeneização, negligenciando a diversidade cultural indígena. O trabalho contribui para o debate sobre a descolonização do currículo e a necessidade de práticas pedagógicas que promovam representações mais justas e plurais.

Uma abordagem geográfica da educação para o risco de desastre de autoria de Raul Reis Amorim, Isabelle Salazar Vieira Alves, Cristhian Ferreira Delgado, Tais Tomaz Torres, mapeia escolas públicas de Petrópolis em áreas suscetíveis a inundações e deslizamentos, relacionando os dados às diretrizes curriculares locais. A metodologia combina análise espacial e estudo documental, revelando alta vulnerabilidade escolar frente a riscos naturais. Os autores defendem a inclusão sistemática de educação para riscos no currículo, visando à formação de cidadãos mais conscientes e resilientes, e alertam para a necessidade de políticas públicas e gestão urbana integradas à prevenção de desastres.

Jussara Portugal narra experiências formativas de monitores do Programa Universidade para Todos (UPT/UNEB), a partir de pesquisa (auto)biográfica com uso de memoriais e entrevistas narrativas. O estudo evidencia como a atuação no programa, em contextos presenciais e remotos, contribuiu para aprendizagens significativas da docência em Geografia, revelando desafios, adaptações e inovações pedagógicas. O trabalho valoriza a memória e a narrativa como instrumentos de reflexão e formação profissional. Baseado em observações de campo e entrevistas, Gonçalves e Straforini investigam formas de resistência de professores e alunos à reforma do Novo Ensino Médio em duas escolas públicas de Campinas-SP. A análise, fundamentada na Teoria do Discurso, revela estratégias como subversão dos itinerários formativos e criação de cursinhos populares. Os autores demonstram como essas ações não apenas enfrentam mudanças estruturais, mas também reconfiguram sentidos atribuídos à escola e ao conhecimento geográfico, fortalecendo a luta por uma educação mais crítica e inclusiva.

Considerações finais

O dossiê do XVI ENPEG reafirma o vigor e a diversidade das pesquisas no campo do Ensino de Geografia. As discussões apresentadas apontam para a necessidade de investir na formação de professores, na atualização dos currículos e na valorização da prática docente como campo de produção de conhecimento. Ao articular teoria e prática, dialogar com diferentes escalas e contextos, e reconhecer a escola como espaço de transformação social, o ensino de Geografia consolida-se como um conhecimento poderoso, capaz de contribuir para uma educação comprometida com a justiça social, a democracia e a sustentabilidade.

Os trabalhos aqui reunidos não apenas registram um momento importante de encontro da comunidade acadêmica, mas também oferecem pistas e inspirações para que professores e pesquisadores possam enfrentar os desafios do presente e construir, de forma coletiva, os caminhos para o futuro do ensino de Geografia no Brasil.

Referências Bibliográficas

CASTELLAR, S. M. V.; PEREIRA, C. M. R. B.; Geografia como conhecimento poderoso no currículo brasileiro e os fundamentos do raciocínio geográfico. In: Costa, C. R. R.; Araujo, M. R.; Oliveira, E. C. (orgs.) **Currículo e ensino de Geografia: métodos, conceitos e metodologias nas práticas de ensino**. Teresina: EdUESPI, 2024. (p. 67-90)

GONZÁLEZ, R. de M. Powerful geography and the future of geographic education. **Dialogues in Human Geography**, n. 14, vol 1, p. 5-8, 2024. Disponível: <https://doi.org/10.1177/20438206241229219>. Acesso em: 10 set. 2025.

BIDDULPH, M.; BÈNEKER, T.; MITCHELL, D.; HANUS, M.; LEININGERFRÉZAL, C.; ZWARTJES, L.; DONERT, K. Teaching powerful geographical knowledge – a matter of social justice: initial findings from the GeoCapabilities 3 project. **International Research in Geographical and Environmental Education**, 29:3, 2020. Disponível em: www.tandfonline.com/journals/rgee20 pag. 260-274. Acesso em: 10 set. 2025

SOUZA, H. M. DE; & ASCENÇÃO, V. de O. R. O ensino de geografia para os anos iniciais do ensino fundamental: o que os autores prescritivos e a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) sugerem? **Revista Ensino de Geografia** (Recife), 6(2), 17–35, 2023. Disponível: <https://doi.org/10.51359/2594-9616.2023.255886>. Acesso em: 10 set. 2025.

Recebido em 25 de julho de 2022.

Aceito para publicação em 12 de janeiro de 2023.

